

estado-providência

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 13 • 2013

sol”. Os periódicos mais focados são, agora, *Ilustração Portuguesa* (1903-1923), *Ilustração* (1926-1937) e *O Mundo Português* (1934-1947), o qual foi editado, com bastante êxito, pela Agência-Geral das Colónias e pelo Secretariado da Propaganda Nacional, durante a fase da “Mística Imperial” do Estado Novo.

Por sua vez, na quinta parte, “No Papel e ao Vivo”, são passadas em revista algumas exposições, através das quais os diferentes regimes políticos buscaram auto-representar-se, exibindo salas, objectos, mostras e pessoas, enquanto microcosmos de um “vasto império” e espelho de uma supostamente singular vocação colonial, que nos apartaria das demais nações europeias. Como seria de esperar, a Exposição Colonial do Porto (1934) e a Exposição do Duplo Centenário (1940) são as mais visadas. No entanto, a autora, talvez por maior conhecimento geral deste último acontecimento, explora, mais demoradamente, a exposição do Porto, embora sem recorrer à revista *Ultramar. Órgão Oficial da Exposição Colonial do Porto* (1934).

De resto, esta constitui uma crítica a um trabalho, em todo o caso, bem gizado: a predominância de certas revistas, como *O Ocidente*, cujas fotografias e ilustrações ocupam a maior parte do volume, e a consequente marginalização de *Jornal da Europa* (1927-1931), do *Álbum das Colónias Portuguesas* (1933) do referido *Ultramar*, da *Revista dos Centenários* (1939-1940), de *Humanidade* (1935-1939) – todas portadoras de imagens apelativas que, em boa verdade, pela sua novidade editorial, marcariam a transição da Primeira República para o Estado Novo, através de um recrudescimento da propaganda colonial.

Sérgio Neto
Investigador Colaborador do CEIS20

PEREIRA, Bernardo Futscher – *A Diplomacia de Salazar (1932-1949)*. 2.^a Edição. Alfragide: Dom Quixote, 2013. 591p, ISBN 978-972-20-5181-1.

Em Fevereiro de 2013 foi lançada, pelas Publicações Dom Quixote, a segunda edição do livro *A Diplomacia de Salazar (1932-1949)*. Da autoria de Bernardo Futscher Pereira, actual embaixador de Portugal em Dublin, e ex-assessor para as Relações Internacionais do Presidente da República, Jorge Sampaio, a obra de 591 páginas divide-se em seis partes. Se, a primeira, balizada por Julho de 1932 e Julho de 1936, segue de perto a chegada ao poder de Salazar e a crise da Abissínia (1935-1936), a segunda acompanha a eclosão da Guerra Civil de Espanha, observando este conflito, que terminou em Abril de 1939, com a vitória do Generalíssimo e as suas repercussões no Terreiro do Paço.

A terceira parte que, cronologicamente se estende de 1939 a 1941, ou seja, do começo da Segunda Guerra Mundial à invasão da União Soviética pelas tropas alemãs, retrata as tensões acumuladas antes do conflito e a ameaça que pairou sobre a soberania e a integridade territorial de Portugal nos primeiros anos da contenda. A quarta, de 1941 a 1943, analisa a cedência de utilização aos Ingleses, por parte do governo de Lisboa, da base das Lajes nos Açores, que se constituiu como importante ponto de apoio para as missões no Oceano Atlântico e no teatro de operações europeu.

A quinta parte, que se estende de Outubro de 1943 até ao verão de 1945, para além de abordar uma série de mudanças “cosméticas” feitas pelo regime, decorrentes da vitória das democracias e da posição hegemónica dos Estados Unidos, refere ainda o processo de recuperação de Timor, que, depois de ter sido invadido pelos aliados neerlandeses e australianos, havia sido ocupado pelos

japoneses, em 1942. A sexta e última parte da obra, entre Setembro de 1945 e Julho de 1949, descreve o processo de adesão de Portugal à Aliança Atlântica e a configuração de uma nova ordem mundial, que conduziria a um permanente jogo de equilíbrios entre as duas grandes superpotências saídas da Guerra, Estados Unidos e União Soviética.

O principal objectivo deste trabalho é, assim, apresentar uma visão de conjunto da diplomacia do Estado Novo, no período mediado pela ascensão de Salazar à chefia do governo, em Julho de 1932, e pela adesão de Portugal à NATO, em 4 de Abril de 1949. A obra pretende ser uma crónica das múltiplas crises e dos inúmeros desafios com os quais Portugal se viu confrontado durante este período e das respostas que o regime lhes deu, essencialmente, no plano diplomático. Passando em observação muitos dos principais eventos deste riquíssimo período da história contemporânea, acaba por se centrar em dois acontecimentos que tiveram um grande impacto na vida política portuguesa: a Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial.

Salazar é, naturalmente, a personagem principal desta narrativa. Ao assumir o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, entre Novembro de 1936 e Fevereiro de 1947, o Presidente do Conselho concentrou em si toda a responsabilidade da diplomacia portuguesa, exercendo sobre ela um controlo diário e minucioso. A obra confere ainda amplo destaque aos (pouquíssimos) colaboradores de Salazar na sua intensa actividade diplomática: Teixeira de Sampaio, Armindo Monteiro e Pedro Teotónio Pereira. Estes, não obstante a competição interna pela primazia no aconselhamento do chefe e as difíceis relações que mantinham entre si, não ostentavam, contudo, divergências ideológicas ou estratégicas profundas, no que concerne à condução da política externa do país.

A estes nomes, o autor acrescenta os de José Caeiro do Mata, que exercera o cargo

de ministro dos Negócios Estrangeiros antes (1933-1935) e depois da guerra (1947-1950), João de Bianchi, que representou Portugal em Washington de 1933 a 1947 e que foi, posteriormente, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e Marcello Mathias, “que sucedeu, na prática, a Teixeira de Sampaio após a morte deste” (p.12).

Entre as personalidades estrangeiras abordadas assumem particular importância os responsáveis dos países com os quais Portugal mantinha relações mais intensas – essencialmente, Espanha, Reino Unido, e, posteriormente, Estados Unidos da América. Assim o *Caudillo* de Espanha é presença assídua, bem como os seus ministros de Relações Exteriores em diferentes períodos (Serrano Suñer, Conde Jordana e Coronel Beigbeder) e o embaixador de Franco em Lisboa, Nicolau Franco. Entre os ingleses, para além de Winston Churchill, destaca Anthony Eden, por ter sido um interlocutor praticamente constante de Portugal nessa época; Ronald Campbell, embaixador inglês em Portugal; e Samuel Hoare, embaixador britânico credenciado junto do governo de Madrid. De entre os americanos, o protagonista é o presidente Franklin Roosevelt, emergindo, ainda, a figura do diplomata e historiador George Kennan, que, “apesar de não ser ainda embaixador e de ter estado pouco tempo em Portugal, deixou uma forte marca na relação entre os dois países” (p.12).

O livro, redigido à maneira jornalística, num estilo fluente, claro, simples, exacto, é de fácil leitura, constituindo-se como uma obra destinada a figurar em qualquer bibliografia de referência da história da política externa portuguesa do século XX.

Clara Isabel Serrano
Investigadora Colaboradora do
CEIS20